

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

**RELAÇÕES DE DEPENDÊNCIA REFERENCIAL PRONOMINAL NO
ITALIANO PARA APRENDIZES BRASILEIROS**

Débora Luciene Porto

PORTO ALEGRE
2013

DÉBORA LUCIENE PORTO

**RELAÇÕES DE DEPENDÊNCIA REFERENCIAL PRONOMINAL NO
ITALIANO PARA APRENDIZES BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito parcial à obtenção do
grau de Licenciada em Letras – Português e Italiano
ao Instituto de Letras da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza

PORTO ALEGRE
2013

DÉBORA LUCIENE PORTO

**RELAÇÕES DE DEPENDÊNCIA REFERENCIAL PRONOMINAL NO
ITALIANO PARA APRENDIZES BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito parcial à obtenção do
grau de Licenciada em Letras – Português e Italiano
ao Instituto de Letras da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientador

Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a M.^a Paola Davi Nolasco Rodrigues Merode
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 09 de janeiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me devolver tantas vezes a vida e me permitir escrever esse trabalho, que, se Ele quiser, será o primeiro de muitos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza, pela confiança, pelo profissionalismo, pelo conhecimento que pude, por seu intermédio, adquirir.

À minha sempre Professora, Dra. Daniela Norci Schroeder, pelo carinho, dedicação e respeito com que forma professores de língua italiana. Pela ajuda específica no presente trabalho. Por estar sempre presente quando dela necessitei.

Ao Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi, por ter sido um dos professores que inspirou o meu gosto pela linguística e por aceitar fazer parte da banca do presente trabalho.

À Prof.^a M.^a Paola Davi Nolasco Rodrigues Merode, pelo carinho com que ensina a língua italiana e por ter aceitado participar da minha banca. Pela amizade. Muito obrigada!

Às demais professoras do setor de italiano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialmente às professoras Florence e Cláudia, pela paixão pela língua italiana, compartilhada com todos os alunos da ênfase.

Aos sujeitos que participaram da pesquisa aqui presente, amigos, colegas, ou desconhecidos, por contribuírem e tornarem possível a realização do mesmo.

Às colegas Julia e Paula Soardi, pela amizade, pelo coleguismo, pela ética.

À minha família, agradeço por tudo e também dedico o presente trabalho. Amo todos vocês!

Mãe, obrigada pelos band-aids que curavam tudo e faziam-me lembrar que tu sempre estavas comigo, torcendo por mim.

Pai, obrigada por sempre cuidar de mim.

Rick e Nessa, obrigada por terem me ajudado, juntamente com o resto da família, a continuar na graduação em momentos que seriam tão difíceis de serem enfrentados sozinha.

Rafa, obrigada pelo apoio técnico (foi muito útil), Mari, obrigada por torcer por mim.

Ao William, meu noivo, agora incluso na família, por ter me mostrado o amor total. Obrigada por nunca ter deixado que eu desistisse.

À minha filha Melissa, pelo sorriso que dá sempre quando eu canso. É esse sorriso que eu vejo agora.

*«Quando **io** uso una parola», disse Humpty Dumpty in tono alquanto sprezzante, «essa significa esattamente quello che decido io ... né più né meno.»*

*«Bisogna vedere», rispose Alice, «se **lei** può dare tanti significati diversi alle parole.»*

*«Bisogna vedere» replicò Humpty Dumpty, «**chi** è che comanda... ecco tutto.»*

(Lewis Carroll, 1871, Alice Attraverso lo specchio)

RESUMO

Neste trabalho procura-se investigar a correferência pronominal na língua italiana através de pesquisa realizada com aprendizes/falantes de italiano como língua estrangeira (LE) que possuem o português brasileiro (PB) como língua materna (LM) e com falantes de italiano como LM. Considerando que o PB encontra-se em transição quanto ao parâmetro pro-drop, passando de língua pro-drop para não pro-drop, procura-se verificar se ocorre uma transferência dos valores paramétricos do PB para a língua italiana pelos falantes de italiano como LE ou se os falantes de italiano como LM possuem as mesmas interpretações dos falantes de italiano como LE em relação à correferência pronominal. Como a segunda hipótese foi comprovada, pode ser indício de que o italiano, assim como o PB, encontra-se em transição quanto ao citado parâmetro.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem- Aquisição de Segunda Língua – Correferência - Gramática Universal-Parâmetro Pro-Drop - Teoria dos Princípios e Parâmetros

RIASSUNTO

In questo lavoro si cerca di verificare la co-referenza pronominale nella lingua italiana per mezzo di uno studio realizzato con studenti/parlanti dell'italiano come lingua straniera (LE) che hanno il portoghese brasiliano (PB) come lingua materna (LM) e con parlanti dell'italiano come LM. Considerando che il PB si incontra in cambiamento dal parametro pro-drop passando di lingua pro-drop a lingua non pro-drop, si cerca di verificare se succede un trasferimento dei valori parametrici del PB per la lingua italiana dai parlanti di italiano come LE oppure se i parlanti dell'italiano come LM hanno le stesse interpretazioni che i parlanti di italiano come LE in relazione alla correferenza pronominale. Come la seconda ipotesi verrà confermata, può essere indizio di che l'italiano, così come il PB, si incontra in transizione quanto al parametro citato.

Parole Chiavi: Acquisizione del Linguaggio - Acquisizione della Seconda Lingua

Co-referenza - Grammatica Universale - Parametro Pro-Drop - Teoria dei Principi e Parametri

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Onde estudou italiano.....	35
Gráfico2- Idades dos sujeitos da pesquisa.....	36
Gráfico3- Há quanto tempo estuda italiano.....	36
Gráfico5- Línguas que já estudou.....	37
Gráfico4- Sujeitos que viajaram para a Itália ou para outro país de língua italiana	37
Gráfico 6- Marco ha detto che lui partirà.....	38
Gráfico 7- Il barbiere ha fatto la barba a lui.	38
Gráfico 8- Marco ha vestito lui.....	39
Gráfico 9- Marco ha venduto la macchina di lui.	39
Gráfico 10- Marco è uscito da casa di lui alle 8.	40
Gráfico 11- Marco ha comprato un regalo a lui.	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DESCRIÇÃO TEÓRICA	15
1.1 Segunda Língua e Língua Estrangeira	15
1.2 Teorias de Aquisição de Segunda Língua	15
1.2.1 O Behaviorismo.....	16
1.2.2 A Teoria Monitor (As 5 hipóteses de Krashen)	16
1.2.3 As Teorias Interacionistas.....	17
1.2.4 A Gramática Universal	18
1.4 A Teoria dos Princípios e Parâmetros	19
1.5 O Princípio da Projeção Estendida e o Parâmetro Pro-Drop.....	20
1.6 Anáfora, Pronome e Expressão-R.....	21
2 RELAÇÕES DE DEPENDÊNCIA REFERENCIAL PRONOMINAL NO PB E NO ITALIANO	24
2.1 Relações de Dependência Referencial Pronominal no PB	25
2.1.1 Pronomes Fortes X Reflexivos	25
2.2 Relações de Dependência Referencial Pronominal no Italiano	28
2.2.1 Anáfora X Pronomes	28
2.3 Análise Contrastiva: Relações de Dependência Referencial Pronominal no PB e no Italiano.....	30
3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	32
3.1 Os Sujeitos da Pesquisa	35
3.2 Apresentação dos Dados.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	45
Anexo 1- Questionário Informativo	46
Anexo 2- Questionário de Pesquisa	47
Anexo 3- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	49
Anexo 4- Dados obtidos através do questionário informativo (parte 1)	50
Anexo 5- Dados obtidos através do questionário informativo (parte 2)	52
Anexo 6- Dados obtidos através do questionário de pesquisa: Falantes de PB como LM (parte 1)	55
Anexo 7- Dados obtidos através do questionário de pesquisa: Falantes de PB como LM (parte 2)	56
Anexo 8- Dados obtidos através do questionário de pesquisa: Falantes de italiano como LM.....	57

Anexo 9- Dados obtidos através do questionário de pesquisa:: Falantes de outra língua (que não o PB e o Italiano) como LM 58

INTRODUÇÃO

De acordo com a teoria gerativa, os estímulos recebidos do ambiente são insuficientes para esclarecer a aquisição de qualquer língua, seja materna ou estrangeira, pois seria inconcebível que como um conhecimento linguístico tão complexo pudesse ser adquirido a partir de estímulos tão escassos. Assim, “esse argumento da pobreza de estímulos, como é frequentemente chamado, conduz inevitavelmente à postulação da existência de estruturas mentais inatas que agem sobre o *input* linguístico para produzir uma gramática mental” (GREGG, 1996, p. 52 apud MENEZES, 2008). A estas estruturas mentais inatas dá-se o nome de Gramática Universal (GU), que é definida por Chomsky (1976) como o sistema de princípios, condições e regras que são elementos ou propriedades de todas as línguas, a essência da linguagem humana.

Em *Lectures on Government and Binding*, Chomsky (1981) especifica como a teoria da GU deve ser desenvolvida, expondo duas condições que necessitam ser consideradas:

De um lado, (a GU) deve ser compatível com a diversidade das gramáticas existentes (de fato, possíveis). Ao mesmo tempo, a GU deve sofrer restrições nas suas opções de forma a dar conta do fato de que cada uma dessas gramáticas se desenvolve na mente com base em evidências bastante limitadas. (CHOMSKY, 1981, p.8 apud MENEZES, 2008)

Assim, para dar conta da primeira condição, Chomsky defende a existência de um conjunto de princípios fundamentais, inatos e universais, os quais restringiriam a forma da gramática das línguas. Para dar conta da segunda condição, o autor postula também a existência de um conjunto de parâmetros fixados pela experiência linguística. Assim, além da possibilidade de verificar os princípios invariantes que governam as línguas, tornou-se viável investigar o que permite a sua diversidade (KATO, 2002).

A partir de tais pressupostos, Chomsky (idem, p.7) articula que “a GU é tomada como uma caracterização do estado inicial pré-linguístico da criança”. Pensando nessa postulação, surge a dúvida de como funciona o estado inicial na aquisição de uma língua

estrangeira (LE)¹ (ou se a mesma é apenas um tipo de aprendizagem cognitiva), se existe ou não o acesso à GU e/ou aos parâmetros da língua materna (LM) pelo indivíduo adulto, visto que, ao adquirir uma língua estrangeira (LE), o mesmo já terá adquirido sua LM, tendo então os parâmetros da mesma fixados.

A dúvida exposta acima é uma das questões motrizes do presente trabalho, o qual buscará respondê-la. Tal resposta será buscada através de uma pesquisa para compreender um fato linguístico específico, relativo à transferência dos parâmetros de uma LM (ou seja, o Português Brasileiro – PB) para uma LE (o Italiano).

O referido fato linguístico diz respeito à Teoria da Ligação de Chomsky², e surgiu a partir da leitura do *Novo Manual de Sintaxe* (MIOTO et al., 2004). Os autores apresentam os seguintes exemplos para explicar a possibilidade ou a impossibilidade da correferência entre o pronome pessoal *ele* de uma oração subordinada e o sujeito de sua oração principal, como observado nos exemplos abaixo³.

(1)

- a. Paulo_i disse que ele_{i/j} vai viajar.
- b. Paulo_i disse que —_i vai viajar.
- c. Paolo_i ha detto che lui_{*i/j} viaggerà.
- d. Paolo_i ha detto che —_i viaggerà.

Como visto acima, o Português Brasileiro (PB) aceita a correferência entre o pronome *ele* e o sujeito da oração, enquanto que no italiano tal correferência não se mostra possível. Porém, ao se analisar sumariamente o exemplo (1)c, pensou-se em uma ambiguidade de referência, o que pode indicar a aceitabilidade, em tal caso, desta correferência pronominal para falantes do PB que estudam o italiano como LE.

Assim, refletindo sobre tais exemplos, acabou-se por chegar à segunda questão que o presente trabalho busca elucidar, que é se existem problemas nas relações de referência pronominal no italiano para aprendizes brasileiros. O terceiro questionamento que surgiu após

¹ Conceituação em 2.1.

² Para a explicação da teoria, conferir 1.7.

³ Exemplos extraídos de Miotto et al., 2007, pp. 24 e 25. Visto que no trabalho que se apresenta será dada ênfase para o Português Brasileiro (PB) e para a língua italiana, não serão mostrados os exemplos do autor para a correferência no inglês.

a leitura de tais exemplos foi se estes problemas de correferência podem ser considerados indícios do fato de os falantes de italiano com LE aplicarem os parâmetros de sua língua materna à língua italiana. Questiona-se também se isso ocorre apenas até que os aprendizes a adquiram totalmente, por possuírem como estado inicial na aquisição da L2 os parâmetros de sua língua materna, ou se os problemas de correferência continuam ocorrendo após os estudantes possuírem fluência na língua estrangeira. Outro questionamento aqui presente é se tais problemas também ocorrem para falantes de italiano como LM, o que poderia ser indício de que o italiano, assim como o PB, encontra-se em processo de mudança (embora lenta) quanto ao parâmetro pro-drop.

Pensando nessa problemática, serão objetivos do presente trabalho:

- (i) Definir a teoria a ser utilizada para abordar tais questões;
- (ii) Explicar brevemente as Relações de Dependência Referencial Pronominal no PB e no italiano;
- (iii) Investigar se os falantes de italiano como L2 que possuem o PB como LM têm dificuldades relacionadas à Teoria da Ligação proposta por Chomsky (1981) e ao parâmetro pro-drop na língua italiana ao interpretarem sentenças na língua italiana e se a mesma dificuldade existe para falantes de italiano como língua materna.
- (iv) Através da análise da pesquisa que será realizada, questionar as motivações de tais dificuldades, verificando se estas (se existirem) acontecem devido a problemas relacionados à teoria da ligação, a transferência dos valores paramétricos pro-drop do PB para o italiano por falantes do italiano como LE que possuem o PB como LM, ou porque o italiano, como o PB passa por uma mudança quanto ao citado parâmetro.

Embora a teoria chomskiana tenha sido desenvolvida para explicar a aquisição e o desenvolvimento de língua materna e não a de segunda língua ou de língua estrangeira⁴, o seu uso no presente trabalho pode ser explicado considerando o fato de a teoria dos Princípios e

⁴ Verificar definições dos conceitos de língua estrangeira e segunda língua no capítulo 1.

Parâmetros (P&P) não ser um sistema teórico preciso, mas sim uma forma de abordagem para questões referentes aos estudos da linguagem⁵.

Igualmente, mesmo que a aquisição tardia de L2 seja questionada por muitos teóricos, pelo fato de considerarem a existência de um período para a aquisição da linguagem⁶, no presente trabalho considerar-se-á que a partir de certo estágio a capacidade de aquisição de uma segunda língua diminui, mas não se torna nula. Sendo assim, será aceita a afirmação de Chomsky, (2000, p.61 apud MENEZES, 2008) de que “depois que você ultrapassa certo estágio, você pode adquirir-la (a segunda língua), mas, geralmente, como um tipo de desenvolvimento em cima da língua que você já adquiriu”. Concorda-se aqui também que, como disse o autor, “há muitas questões interessantes e importantes para responder e uma boa quantidade de variações individuais na aquisição tardia que ainda não são bem compreendidas” (idem, p.61). O estado inicial na aquisição de LE é uma dessas questões.

Para responder às questões propostas, seguir-se-ão as duas tarefas sugeridas por Mitchell e Myles (2004, p. 52) para uma abordagem linguística, pensando na aquisição de uma L2. Sendo assim, procurar-se-á “descrever a língua produzida pelos aprendizes de segunda língua e explicar porque a língua que eles produzem é da forma como é”, através da verificação de como eles interpretam sentenças em língua italiana. Desta forma, o presente trabalho será organizado de maneira que se consiga alcançar os escopos mencionados. No capítulo 1, dar-se-á uma breve definição das teorias aqui utilizadas, discutindo-as sucintamente em alguns casos. No capítulo 2, descrever-se-á como ocorre a relação de dependência referencial pronominal no PB e no italiano respectivamente, ao mesmo tempo em que serão buscados exemplos no italiano nos quais essa correferencialidade seja possível (não considerada agramatical, ou, ao menos, mais aceitável), com a finalidade de tentar explicar o motivo de os falantes de italiano como L2 que possuem o PB como língua materna aceitarem a correferência em sentenças tais como (1)c. No capítulo 3, será apresentada a pesquisa realizada para buscar entender como são compreendidas as relações de dependência referencial pronominal no italiano para aprendizes brasileiros, comparando os dados obtidos entre falantes do italiano como L2 e falantes do italiano como LM.

⁵ Ver. Chomsky, 1999.

⁶ Tal questão será desenvolvida em 1.3.

1 DESCRIÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, tentar-se-á fazer uma breve definição da teoria adotada neste trabalho, com o intuito de elucidar melhor os termos aqui utilizados. Assim, em um primeiro momento, serão explicados os conceitos de segunda língua e de língua estrangeira. Após, julga-se necessário apresentar algumas das teorias de aquisição de segunda língua, especificando a teoria aqui utilizada e os motivos para tanto.

Brevemente, será também apresentada a Teoria de Princípios e Parâmetros, o Princípio da Projeção Estendida e o parâmetro pro-drop. Em seguida, explicar-se-ão alguns dos conceitos que serão aqui utilizados, conforme a Teoria da Ligação de Chomsky, como anáfora, pronome e expressão-R.

1.1 Segunda Língua e Língua Estrangeira

Segundo Leffa (1998 *apud* SCHROEDER, 2004), o estudo de uma língua estrangeira dá-se em contextos onde a comunidade não utiliza a língua fora da sala de aula, como nos casos dos sujeitos da pesquisa aqui utilizada. No entanto, temos o estudo de uma segunda língua quando o aluno aprende a L2 em uma comunidade que a utiliza também fora da sala de aula, como nos casos em que os brasileiros vão para a Itália para aprender o italiano.

Como muitos dos sujeitos da pesquisa aqui apresentada encaixam-se em ambas as definições, o presente trabalho não fará distinção entre estes dois conceitos. De tal forma, os termos L2 e LE serão tomados aleatoriamente no presente trabalho para referir-se à língua estudada pelos sujeitos da presente pesquisa, com a finalidade de evitar conflitos que possam ser ocasionados pelo fato de alguns deles encaixarem-se em ambas as categorias.

1.2 Teorias de Aquisição de Segunda Língua

Os estudos sistemáticos de como as pessoas adquirem uma segunda língua começaram a desenvolver-se recentemente, a partir da segunda metade do século XX, época na qual era natural que aparecessem devido à globalização e à expansão da interação entre pessoas de diferentes línguas. Na década de 50 e no início dos anos 1960, teorizar sobre Aquisição de Segunda Língua (ASL) era ainda associado à prática de negócios de ensino de

línguas, pois existia a ideia, estabelecida desde o movimento de reforma pedagógica do século 19, de que os métodos de ensino de línguas tinham que ser justificados em termos de uma teoria subjacente (MITCHELL & MYLES, 2004).

A partir da metade de 1960, todas as teorias focaram-se em como uma segunda língua pode ser adquirida e se e/ou no que a ASL assemelha-se à aquisição de primeira língua e/ou no que são diferentes. Neste capítulo, serão apresentadas brevemente algumas das teorias que tentaram explicar o processo de ASL, fazendo uma pequena reflexão sobre seus argumentos, a fim de revelar como tais teorias funcionam e porque aqui foi escolhida uma e não outra teoria.

1.2.1 O Behaviorismo

O Behaviorismo foi a teoria psicológica predominante dos anos 1950 e 1960. Ele foi desenvolvido de acordo com uma série de experimentos em animais, nos quais percebeu-se que as aves poderiam realizar diferentes tarefas, desde que se incentivasse o hábito. O behaviorista Burrhus Frederic Skinner, antecipando que esta teoria poderia explicar a aquisição de linguagem em seres humanos, mostrou, através de suas pesquisas, que o método poderia ser estendido para o comportamento humano sem sérias modificações (SKINNER, 1957 apud ELLIS, 1994).

Assim, de acordo com esta teoria, a aprendizagem de línguas seria como qualquer outro tipo de aprendizagem, pois envolveria a formação de hábitos. Para tal teoria, o aprendizado ocorreria quando os alunos tivessem a oportunidade de praticar, tornando a resposta correta para um dado estímulo. Os alunos então imitariam modelos de linguagem correta e receberiam reforço positivo se imitassem corretamente e negativo caso imitassem de maneira incorreta (ELLIS, 1997, p. 31).

O behaviorismo é criticado por teóricos que afirmam que a aquisição de uma língua não pode acontecer apenas através da imitação, pois as línguas são baseadas em um conjunto grande de estruturas e funções que dificilmente poderiam ser apenas imitados. Piaget e Chomsky são alguns destes teóricos.

1.2.2 A Teoria Monitor (As 5 hipóteses de Krashen)

A teoria do monitor começou a descrever alguns aspectos do processamento da linguagem em 1970 e tornou-se uma teoria bastante abrangente no início de 1980. Esta teoria consiste em cinco hipóteses.

A primeira hipótese distingue entre aquisição e aprendizagem. Aquisição seria o produto de um processo subconsciente que precisaria de interação e comunicação na língua-alvo e não deveria se concentrar na forma, mas no significado e na comunicação. A aprendizagem seria produzida conscientemente, dependendo do conhecimento sobre a língua (das regras gramaticais) (KRASHEN, 1985). Krashen é criticado por sua vaga definição do que constitui processo consciente versus subconsciente, pois eles são muito difíceis de serem testados (MITCHELL & MYLES 1998, p. 112). O autor demonstra que a aprendizagem não pode se transformar em aquisição, pois os conhecimentos obtidos através dessas duas rotas distintas não podem ser integrados em um todo unificado (KRASHEN & SCARCELLA, 1978, p. 45).

A segunda hipótese da teoria monitor afirma que conhecimento aprendido serve para monitorar a produção. A terceira hipótese, chamada de hipótese da ordem natural sugere que a aquisição de estruturas gramaticais segue uma ordem natural que pode ser prevista.

Segundo a quarta hipótese, a hipótese do *input*, os seres humanos adquirem a linguagem por receberem "*input* compreensíveis" (KRASHEN, 1981). Krashen argumenta que o *input* no nível certo de dificuldade é tudo o que é necessário para a ASL acontecer (KRASHEN, 1982). A hipótese do filtro afetivo reúne algumas das variáveis individuais para explicar como um bloqueio mental ou filtro pode prejudicar a aquisição. Estas variáveis incluem: autoconfiança, motivação e ansiedade.

1.2.3 As Teorias Interacionistas

Segundo os teóricos interacionistas

a aprendizagem de uma língua é um processo socialmente mediado. A mediação é um princípio fundamental, e a língua é um artefato cultural que media as atividades psicológicas e sociais. (MENEZES, 2009 p.12)

A Teoria Interacionista indicou a importância do *input* de linguagem que as crianças recebem de seus pais ou dos encarregados pela sua educação. Assim, a comunicação seria o propósito da existência da linguagem, uma vez que a linguagem poderia ser aprendida através da interação com os outros. Tal teoria é criticada pelo fato de a interação não parecer ser o ponto principal na ASL, visto que o *input* não parece ser o suficiente para que se adquira um sistema tão complexo quanto é a linguagem.

1.2.4 A Gramática Universal

Segundo Chomsky, as crianças criam e produzem sentenças devido a regras de internalização da linguagem e não apenas imitando a fala de adultos, como defendido pelo behaviorismo. Assim, de acordo com a teoria chomskyana, há, em nossa mente, aspectos dedicados à linguagem, os quais são chamados de *Faculdade da Linguagem* (FL). A FL possui um estado inicial (FL₀), o qual tem “uma complexidade organizativa rica” e é “uniforme para toda a espécie humana” (RAPOSO, 1999, p. 16), sendo este estado inicial também chamado de *Gramática Universal* (GU).

A GU é definida por Chomsky como o sistema de princípios, condições e regras que são elementos/propriedades de todas as línguas possíveis, sendo a essência da linguagem humana (CHOMSKY, 1976). Até chegar ao seu estado final (FL_f), nossa FL desenvolve-se e passa por diversas fases, denominadas línguas-I, chegando, assim, a uma língua-I final, resultante desta especialização da FL do indivíduo, somada a fatores externos (meio-ambiente linguístico e idiosincrasias provenientes das experiências individuais). Em outras palavras

“o indivíduo teria em sua cabeça um artefato resultante da ação recíproca de muitos fatores idiosincráticos em contraste com a realidade mais significante da GU (um elemento biológico compartilhado) e uma gramática nuclear (um dos sistemas derivados pela fixação de parâmetros da GU em uma das formas permitidas”. (CHOMSKY, 1981, p. 8)

A partir de tal teoria, criada para a aquisição de L1, várias hipóteses foram desenvolvidas com o intuito de estabelecer se um adulto, ao adquirir uma L2, teria ou não acesso à GU e se ocorreria ou não uma transferência dos valores paramétricos da língua materna para a segunda língua.

Conforme Xavier (2007), uma dessas hipóteses é a Hipótese do Acesso Total, desenvolvida por Epstein et al. em 1996, a qual afirma que os princípios e parâmetros também são acessáveis pelo aprendiz de L2. Assim, para os proponentes dessa hipótese, mesmo que existam diversas diferenças entre os processos de aquisição de L1 e L2, tais diferenças não se referem ao não-acesso à GU. Desta forma, os aprendizes de L2 conseguiriam atribuir novos valores aos parâmetros que são diferentes na LM e na L2.

Outra hipótese, de acordo com Menezes (2008), a Hipótese do Acesso Parcial, postula que o estado inicial na ASL é o estado estável da LM, sendo que toda a categoria funcional da gramática da LM estará presente na gramática de L2. Assim, a GU não estaria diretamente envolvida na ASL, tendo o aprendiz acesso indireto a ela através da LM, ou seja, dos parâmetros já fixados da LM. No entanto, caso a L2 apresentar parâmetros diferentes aos da LM, o aprendiz conseguirá os alterar para a L2.

A Hipótese do Acesso Nulo, no entanto, diz que a aquisição de língua materna e a ASL são processos cognitivos totalmente distintos, visto que a aquisição de LM é guiada pela GU, enquanto nenhum aspecto da GU interferiria na aquisição de L2, pois o adulto aprendiz de L2 não tem acesso à GU, visto que o dispositivo de aquisição de linguagem (DAL) não é mais operante após a puberdade (XAVIER, 2007). Xavier cita que, para Schachter (1989), a ASL seria apenas um tipo de aprendizagem cognitiva, pois a autora defende que adultos aprendizes de L2, não tendo acesso à GU, nunca se tornam falantes “nativos” de L2.

Sobre a aquisição tardia de L2, Chomsky (2000, p.61) afirma que “depois que você ultrapassa certo estágio, você pode adquiri-la, mas, geralmente, como um tipo de desenvolvimento em cima da língua que você já adquiriu”. No presente trabalho utilizar-se-á tal teoria e a citada afirmativa chomskyana, aliadas à hipótese do acesso parcial, visto que, no caso de verificar-se através da pesquisa que os falantes de italiano que possuem o PB como LM transferem os parâmetros de sua LM na ASL, tal hipótese parece a mais adequada para a teorização.

1.4 A Teoria dos Princípios e Parâmetros

Como já citado nesse capítulo, Chomsky, em *Lectures on Government and Binding* (1981), defendeu a existência de um conjunto de princípios fundamentais, inatos e universais, os quais restringiriam a forma da gramática das línguas possíveis e de um conjunto de parâmetros fixados pela experiência linguística. Assim, os princípios serviriam para

restringir a forma da gramática das línguas, enquanto que os parâmetros determinariam as diferenças entre as línguas.

Em *O Programa Minimalista* (1999, p.51), Chomsky e Lasnik salientam que a teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P) “não é um sistema teórico articulado de modo preciso, mas sim uma abordagem particular de problemas clássicos do estudo da linguagem”. Sendo assim, tal teoria pode ser utilizada em diversos tipos de estudo, visto que a mesma facilita a sistematização da maioria dos problemas clássicos da linguagem, de forma a, inclusive, apontar quais são os princípios que regem as gramáticas das línguas e quais parâmetros as mesmas podem possuir.

1.5 O Princípio da Projeção Estendida e o Parâmetro Pro-Drop

Um exemplo de princípio universal é o Princípio da Projeção Estendida (Extended Projection Principle- ou EPP), segundo o qual as posições dos sujeitos nas sentenças devem ser sintaticamente representadas, princípio que, segundo Kato (2002), explicaria a existência de sujeitos expletivos como *there* e *it* no inglês. Porém, tal princípio seria violado pelas línguas que permitem sujeito oculto, o que fez com que fosse postulada a existência de um pronome sujeito nulo (*pro*), o qual é identificado pela concordância verbal. Assim, o EPP mantém-se inviolável, visto que a posição de sujeito, nos casos de sujeito oculto, é preenchida por um pronome não realizado foneticamente.

Tal parâmetro, que estabelece se uma língua pode possuir ou não um pronome implícito que possa assumir o lugar do sujeito, é chamado de Parâmetro Pro-Drop, também chamado de parâmetro do sujeito nulo. Podemos confrontar os seguintes exemplos do italiano (língua pro-drop) e do inglês (língua não pro-drop):

(2) Piove.

(3) It rains.

Através dos exemplos, é possível dizer que ambas as línguas respeitam o Princípio da Projeção Estendida, visto que, em (2) o verbo concorda com um sujeito, porém, o parâmetro pro-drop é diferente nos dois casos. Enquanto que no italiano (2), língua pro-drop, o sujeito da frase realiza-se através de um pronome implícito (que não possui realização fonética), *pro* (*pro piove*), no inglês (3), língua não pro-drop, privada do pronome *pro*, a

mesma posição do sujeito deve ser preenchida por um pronome explícito (realizado foneticamente), sem significado/referência, que, por isso, é chamado de expletivo ou pleonástico (*it*).

Chomsky (1981) postulou que nas línguas de sujeito nulo a distribuição entre sujeito nulo/lexical não é livre. Segundo o autor, existe um princípio responsável por regular tal distribuição, o qual estabelece que “sempre que a interpretação de um sujeito nulo for possível, sem qualquer ambiguidade, o falante de uma língua de sujeito nulo não realiza um pronome expresso” (ROCHA, 2011). Tal princípio é chamado de “Evite Pronome” (Avoid Pronoun). Segundo Duarte (1995), o PB estaria perdendo tal princípio, distinguindo-se assim do Português Europeu (PE) e das demais línguas pro-drop. Kato (2002), no entanto, defende que o parâmetro pro-drop não é um fenômeno uniforme, requerendo, assim, subparametrizações. Porém, como já demonstrado (conf. CHOMSKY, 1999), a parametrização requer que haja um número pequeno de parâmetros, visto que um grande número dificultaria a aquisição. Assim, no presente trabalho, descarta-se a possibilidade citada por Kato e busca-se escolher entre outras duas alternativas.

Considerando que as duas línguas utilizadas no presente trabalho (o PB e o italiano) caracterizam-se por possuírem o valor positivo do parâmetro do sujeito nulo (e, em alguns casos, do objeto nulo), apesar de o PB estar em transição quanto ao citado parâmetro, no presente trabalho pondera-se que, assim como constatado por Duarte (1995) em relação à preferência pelo preenchimento do sujeito pronominal referencial e não pelo sujeito nulo no PB (o que resultaria, assim, na mudança do valor do parâmetro pro-drop), o italiano também estaria em transição (embora lenta) quanto a tal parâmetro (caso na pesquisa verifique-se que há ambiguidade de referência também para os sujeitos falantes do italiano como LM). Pode-se constatar, ainda, que os falantes de italiano como L2 transferem o parâmetro de sua LM quando adquirem a L2 supracitada, o que nos leva a pensar se, nestes casos, verifica-se um problema na aquisição de L2. A escolha entre estas duas possibilidades dar-se-á após reflexão sobre a pesquisa.

1.6 Anáfora, Pronome e Expressão-R

Visto que há uma grande variação para o uso dos termos anáfora e pronome, sendo que, em termos gerais, todas as relações de correferência seriam anáforas, convém

explicitar quais serão as definições utilizadas no presente trabalho. Aqui, serão adotados os conceitos de anáfora, pronome e expressão-R conforme aparecem na primeira versão da Teoria da Ligação (TL) ou Binding Theory (BT), apresentada por Chomsky em 1981 em *Lectures on Government and Binding*, referida por Menuzzi (1999) como *Standard Binding Theory* (standard BT). Assim, não serão consideradas aqui as condições de ligação dadas pelas reformulações da TL feitas por Chomsky subsequentes à standard BT (1982 e 1986), visto que a bibliografia utilizada para explicar as relações de dependência referencial pronominal nas línguas escolhidas utiliza, predominantemente, a standard BT.

Sendo assim, as expressões nominais serão aqui analisadas segundo as formulações da BT (Chomsky 1981, pp. 188 e 211-2) a seguir, levando em consideração que para existir a ligação deve haver a co-indexação entre os elementos ligados e a anáfora deve ser c-comandada pelo seu antecedente, isto é, a anáfora e seu antecedente não devem dominar um ao outro e todos os nós que dominarem o antecedente também devem dominar a anáfora (CRISTOVÃO, 2006), considerando também que, para que um pronome ou uma expressão-R sejam livres, eles não podem estar ligados:

- (A) An anaphor is bound its governing category.
- (B) A pronominal is free in its governing category.
- (C) An R-expression is free.

α is the *governing category* for β iff (i) α is the minimal category containing β and (ii) a governor of β , and (iii) a SUBJECT accessible to β .⁷

Todavia, considerando que o domínio sintático de uma forma anafórica é a categoria mínima que a contém, sendo regente da forma anafórica e um sujeito acessível à mesma, chamaremos de anáfora os recíprocos, os reflexivos e os vestígios de NP (isto é, os NPs que por não possuírem capacidade referencial necessitam estar ligados em seu domínio sintático, de acordo com a Condição A da BT). Assim, temos em (4) exemplos de anáfora:

⁷ A: Uma anáfora está ligada no seu domínio sintático.

B: Um pronome é livre no seu domínio sintático.

C: Uma expressão-R é livre.

α é o domínio local de β sse (i) α é a categoria mínima que contém β e (ii) é regente de β e (iii) é um SUJEITO acessível a β . (Tradução feita por Cristovão, 2006.)

(4)

a. Paulo_i se_i adora.

b. Paolo_i si_i lava.

Chamaremos de pronome os pronomes pessoais e PRO (isto é, aqueles que por serem inerentemente referenciais não podem depender de outra expressão no mesmo domínio sintático, e, por tal motivo, são livres no seu domínio, como diz a Condição B da BT), tal como é mostrado nos exemplos abaixo:

(5)

a. Ana_i ama ela_{*i/j}⁸

b. Anna_i ama lei_{*i/j}.

Serão chamadas de expressão-R (ou expressão referencial) as demais NPs (as quais, de acordo com a BT são livres, isto é, podem ser co-indexadas a outras NPs se estas não as c-comandarem)⁹. Assim, através das condições que a BT apresenta para a possibilidade das NPs (atualmente também chamadas DPs) terem ou não a mesma referência, as anáforas serão caracterizadas pelos traços [+anafórico] e [-pronominal], enquanto os traços [-anafórico] e [+pronominal] caracterizarão os pronomes e os traços [-anafórico] e [-pronominal] caracterizarão as expressões referenciais.

⁸ O exemplo (5) serve para elucidar as condições da BT. Como será visto no capítulo 2, a correferência em tal exemplo é gramatical no PB, embora viole à condição B da BT, visto que existe uma livre distribuição entre os pronomes pessoais *ele* e *ela* e as formas reflexivas *ele mesmo* e *ela mesma*.

⁹ Algumas dessas definições foram adaptadas de Cristovão (2006), a qual refere que para uma melhor conceituação deva-se conferir Faria et alii (1996).

2 RELAÇÕES DE DEPENDÊNCIA REFERENCIAL PRONOMINAL NO PB E NO ITALIANO

Como dito na introdução, a questão que motiva este trabalho surgiu após a leitura dos exemplos abaixo, de Miotto et alli (2004):

- (1)
- a. Paulo_i disse que ele_{i/j} vai viajar.
 - b. Paulo_i disse que —_i vai viajar.
 - c. Paolo_i ha detto che lui_{*i/j} viaggerà.
 - d. Paolo ha detto che —_i viaggerà.

A partir de tais exemplos, é possível dizer que o PB aceitaria tanto a correferência entre o sujeito da oração principal com um pronome sujeito nulo (*pro*) da oração subordinada (como no exemplo (1)b), capaz de ser identificado pela concordância no verbo, quanto a possibilidade de *ele* e *Paulo* serem correferenciais ou possuírem referência disjunta (como em (1)a). O italiano, porém, aceitaria apenas a primeira alternativa, visto que a presença do pronome em (1)c, segundo os autores do *Novo Manual de Sintaxe*, implicaria apenas em uma referência disjunta e, em (1)d, o pronome implícito da oração subordinada e a flexão verbal expressariam tal correferência.

Essa referência disjunta no italiano, no entanto, não parece ser a única alternativa para falantes do PB que adquiriram o italiano como L2, pois através da leitura de tal exemplo, verifica-se uma ambiguidade de referência, o que pode ser indício de que seja admitida a possibilidade de correferência em (1)c. Analisa-se que tal ambiguidade não seria possível se (1)c apresentasse apenas a possibilidade de uma referência disjunta para tais falantes.

Com a finalidade de mostrar como ocorrem as relações de dependência referencial pronominal no PB e no italiano respectivamente, o presente capítulo apresentará brevemente alguns estudos importantes sobre tal assunto. Assim, tentar-se-á explicar o motivo pelo qual possa existir a ambiguidade de referência em (1)c e o motivo pelo qual esta possa ocorrer tanto pelo fato de os falantes do italiano que possuem o PB como LM transferirem os parâmetros do PB na aquisição da L2, quanto pelo fato de tal ambiguidade existir também no italiano.

2.1 Relações de Dependência Referencial Pronominal no PB

Considerando a vastidão de trabalhos sobre relações de dependência referencial pronominal no PB, torna-se necessário selecionar entre os mesmos os que serão aqui utilizados. Assim, foram escolhidos para o presente trabalho o texto de Müller (2001), para uma visão geral do assunto e Grolla (2010) e Menuzzi (1999) para tratar dos reflexivos e das violações das condições da BT no PB, e para abordar os pronomes fortes.

2.1.1 Pronomes Fortes X Reflexivos

Müller (2001) refere que é possível simplificar a distribuição da ocorrência da correferencialidade pronominal entre os pronomes pessoais (pronomes fortes) e os reflexivos no PB dizendo que “um pronome reflexivo tem que ter obrigatoriamente um antecedente na mesma oração e um pronome pessoal só pode ter antecedentes fora da oração a que pertence” (idem, p.266). Os exemplos abaixo¹⁰ exemplificam como funciona a regra citada. Assim, em (6) temos a anáfora do pronome reflexivo que possui o antecedente na mesma oração e a impossibilidade da correferência do pronome pessoal nas mesmas circunstâncias. Em (7) temos uma referência disjunta, que não é possível com o reflexivo quando o mesmo está na mesma oração. No exemplo (8) temos como se dá a correferência do pronome pessoal quando o mesmo encontra-se fora da oração de seu antecedente.

(6) a. Mariana_i se_i ama.

b. *Mariana_i ama ela_i.¹¹

(7) a. *Mariana_i se_j ama.

b. Mariana_i ama ela_j

(8) a. *Mariana_i acha que Paulo se_i ama.

b. Mariana_i acha que Paulo ama ela_{i/k}.

¹⁰ Adaptados de Müller 2001.

¹¹ Tal exemplo não parece agramatical, conforme estudo de Grolla 2010.

A disjunção referencial em (6)b e a correferência em (8)b podem também ser explicadas utilizando a condição B da Teoria da Ligação, a qual requer que os pronomes não sejam localmente ligados, isto é, que os pronomes correferentes não apareçam no mesmo domínio local do antecedente que os c-comande (o que nos remete à explicação simplificada de Müller). Isso se dá devido ao fato de os pronomes pessoais serem considerados formas não-reflexivas e referenciais por natureza, não devendo assim estar no mesmo domínio do seu referente.

Porém, alguns autores questionam se as condições da Standard BT são absolutas para explicar a ligação nos casos dos pronomes e das anáforas. Grolla (2010), por exemplo, compara o *se* reflexivo ao *ele mesmo* enfático, dizendo que os mesmos possuem várias características em comum, como, por exemplo, o fato de ambos apresentarem leituras anafóricas em contextos elípticos, enquanto o pronome pessoal *ele*, além da leitura como correferente, pode possuir uma leitura de referência disjunta (exemplos em (9)). Outra característica que, segundo Grolla, difere o *ele mesmo* e o *se* reflexivo do pronome *ele* no PB é a deiticidade, possível apenas no pronome *ele* (exemplos em (10)). Tais fatos são possíveis de serem observados nos exemplos abaixo (exemplos de Grolla 2010, p.79):

(9) a. A Maria_i se_{i/*j/*k} admira e a Joana_j também <se_{j/*i/*k} admira>.

b. A Maria_i conversa com ela_{i/*j/*k} mesma e a Joana_j também <conversa com ela_{j/*i/*k} mesma>.

c. A Maria_i tem vergonha dela_{i/k} e a Joana_j também <tem vergonha dela_{j/i/k}>.

(10) a. Eu dei um livro para ele_i, ele_j e ele_k.

b. * Eu dei um livro para ele_i, ele_j e ele_k mesmo.

No mesmo artigo, Grolla argumenta que, diferentemente do que diz a literatura gramatical brasileira, a pro-forma *ele* não é regulada pelo Princípio B da BT, pois pode aparecer localmente ligada, assim como a pro-forma intensificada *ele mesmo* não está sujeita ao Princípio A da mesma teoria, por poder aparecer em contextos em que não é c-comandada pelo seu antecedente, podendo ainda ter um antecedente não local e em outra sentença. Desta

forma, Grolla argumenta que a pro-forma *ele mesmo* não é regulada por princípios sintáticos, sendo sua distribuição regulada por regras semânticas e pragmáticas. A autora utiliza os exemplos (11) e (12) para demonstrar que, apesar de a pro-forma *ele mesmo* não poder ser utilizada deiticamente, uma vez que deve possuir um antecedente linguístico, o antecedente não necessita estar em posição de c-comando. No exemplo (13) Grolla indica que a pro-forma *ele mesmo* pode ser livre em seu domínio sintático. Grolla afirma que tais exemplos indicam claramente que a pro-forma *ele mesmo* não é regulada pelo Princípio A da BT, porém, não pode ser classificada como um pronome, uma vez que não pode ser usada deiticamente. Ela afirma também que, em todos os casos exemplificados, a substituição pela pro-forma *ele* é também possível:

(11) A atitude da **Susana_i** prejudicou não só **ela_i mesma** como também as amigas dela_i.

(12) A força da **Teresa_i** está dentro **dela_i mesma**.

(13) **Ela_i** entrou na casa e olhou ao redor. Na mesa da sala tinha um envelope endereçado a **ela_i mesma**.

Observa-se que, em todos os exemplos citados pela autora, a pro-forma *ele mesmo* aparece regida (ou antigamente aparecia, como no caso do verbo prejudicar¹²) por uma preposição. Como vários trabalhos já demonstraram, “a interpretação de pronomes em SPs não decorre dos princípios da Teoria da Ligação clássica, tendo levado à sua revisão” (SILVA, 2011). É possível pensar, então, que o fato de a pro-forma *ele mesmo* no exemplo (8) não obedecer ao princípio A da BT se dá porque o *ele mesmo* aparece regido por uma preposição, assim como foi demonstrado por Menuzzi (1999) com os pronomes fortes no PB, os quais podem aparecer localmente ligados em SPs, não obedecendo assim à Condição B da BT, pois a citada teoria não consegue demonstrar a ligação em sintagmas preposicionados. O exemplo (14) demonstra tal possibilidade de ligação local para pronomes fortes no PB (exemplo dado por Menuzzi 1999, p. 129, grifo feito pelo mesmo):

(14) A Maria_i só fala {**dela_{i/k}/?dela mesma_i**}.

¹² Conforme Dicionário Prático de Regência Verbal, Luft, 2003.

Como é possível perceber, tanto no exemplo dado por Menuzzi (14) (embora o autor não considere que seja), quanto nos exemplos de Grolla, a substituição da pro-forma *ele mesmo* pelo pronome *ele* seria possível e vice-versa. Existe, então, também a possibilidade de pensar que, em contextos onde tal substituição é possível, tal digressão às Condições dadas pela BT se dá pelo fato de *ele mesmo* e *ele*, por possuírem livre distribuição nestes casos, tomarem assim as características um do outro. É possível pensar também que, como a distribuição entre *ele mesmo* e *ele* pode ser considerada decorrente de fatores semânticos e pragmáticos, o problema acima mencionado não se deva a dificuldades de ligação e sim de correferência, como se pode perceber no exemplo de Grolla (2010 p. 80 e 81, adaptação feita pela autora):

(15) a. O Paulo_i viu **ele_{i/j}** / **ele mesmo_i** na TV.

2.2 Relações de Dependência Referencial Pronominal no Italiano

Considerando que a bibliografia sobre as relações de dependência referencial pronominal no italiano também é vasta, será explicado como funcionam as dependências referenciais para pronomes (clíticos, fortes e nulos) e reflexivos (clíticos e tônicos), utilizando o estudo de Calabrese (1986 *apud* Rocha, 2008), e os exemplos dados por Rizzi (2012), para que a descrição aqui presente não se alongue demasiadamente.

2.2.1 Anáfora X Pronomes

Rocha (2008) explica que, segundo Calabrese (1986), na língua italiana, quando o referente de um sujeito for “esperado” (for um tema/ for um sujeito pré-verbal/ não existirem elementos intervenientes que prejudiquem a interpretação de um sujeito nulo) o pronome será obrigatoriamente nulo (16a). De acordo com Rocha, Calabrese afirma que um pronome expresso nesse contexto teria obrigatoriamente outro correferente que não estivesse na função de sujeito (16b).

(16a) Quando Carlo_i ha picchiato Antonio_j, *pro_{i/*j}* era ubriaco.

(Quando Carlos_i bateu em Antonio_j, *pro*_{i/*j} estava bêbado.)

(16b) Quando Carlo_i ha picchiato Antonio_j, lui_{*i/j} era ubriaco.

(Quando Carlos_i bateu em Antonio_j, ele_{*i/j} estava bêbado.)

Assim, para Calabrese, existiria uma complementaridade entre um sujeito nulo e um expresso, como é possível verificar em (17). Tal complementaridade pode ser explicada através do Princípio Evite o Pronome, o qual regula a distribuição, em línguas pro-drop, entre sujeitos com pronome fonologicamente realizado e sujeitos com sujeito nulo (*pro*, não realizado fonologicamente), dizendo que sempre que a interpretação do sujeito nulo for possível (não-ambigua) o mesmo é utilizado pelos falantes.

(17) Mentre il dottore_i visitava Maria_j incinta, *pro*_{i/*j} / lei_{j/*i} canticchiava.

(Enquanto o médico visitava Maria grávida, *pro*_{i/*j} / ela_{j/*i} cantava.)

Porém, caso a hipótese de Calabrese fosse verdadeira, também deveria existir tal complementaridade em (18), não podendo, portanto, existir ambiguidade de correferência quando o pronome forte é utilizado, o que não se verifica no exemplo citado.

(18) Mentre la dottoressa_i visitava Maria_j incinta, *pro*_{i/*j} / lei_{j/i} canticchiava.

(Enquanto a doutora visitava Maria grávida, *pro*_{i/*j} / ela_{j/i} cantava.)

A partir dos exemplos (19) e (20), dados por Rizzi (2012), é possível verificar que a correferência entre um sujeito e um pronome forte é aceita no italiano, diferentemente do postulado por Calabrese e mostrado por Miotto et al. nos exemplos que motivaram o presente trabalho.

(19) Carlo_i pensa che io veda lui_{i,k} nello specchio.

(Carlos_i acredita que eu veja ele_{i,k} no espelho.)

(20) [Il fratello di Carlo_i]_k dice che [il fratello di Piero_j]_m ha tradito lui_{i,j,k,*m}.

([O irmão de Carlos_i]_k disse que [o irmão de Pedro_j]_m traiu ele_{i,j,k,*m}.)

Porém, diferentemente do PB, no italiano não foram encontrados exemplos que desrespeitem as condições da BT. Assim, nos exemplos (21)a, (22)a e (23)a, também dados por Rizzi, pode-se verificar o fato de as anáforas precisarem estar ligadas em seu domínio local, enquanto que em (21)b, (22)b e (23)b é possível observar que os pronomes (nestes exemplos, os pronomes clíticos) devem ser livres em seu domínio local:

(21)a. Marco_i si_i vede nello specchio.

(Marcos_i se_{i,*k} olha no espelho.)

b. Marco_i lo_{*i,k} vede nello specchio.

(Marcos_i olha-o_{*i,k} no espelho.)

(22)a. [Il fratello di Carlo_i]_k si_{*i,k} vede nello specchio.

([O irmão de Carlos] se_{*i,k} olha no espelho.)

b. [Il fratello di Carlo_i]_k lo_{i,*k} vede nello specchio.

([O irmão de Carlos] olha-o_{i,*k} no espelho.)

(23)a. Carlo_i dice [che Piero_k si_{*i,k} vede nello specchio].

(Carlos_i disse [que Pedro_k se_{*i,k} olha no espelho].)

b. Carlo_i dice [che Piero_k lo_{i,*k} vede nello specchio].

(Carlos_i disse [que Pedro_k olha-o_{i,*k} no espelho].)

2.3 Análise Contrastiva: Relações de Dependência Referencial Pronominal no PB e no Italiano

Um aspecto importante de ser destacado é que, como defendido por Duarte (1995, p. 9),

O português brasileiro passa por um processo de mudança na representação do sujeito pronominal referencial, o que claramente o separa do português europeu e das outras línguas românicas pro-drop. (...) Perdeu-se, pois, o Princípio Evite Pronome, que leva à não representação fonológica do sujeito sempre que sua plena identificação for possível, e o sujeito nulo deixa de ser obrigatório, tomando-se uma opção cada vez menos utilizada.

Assim, é natural que o PB aceite a correferência no exemplo (1) e nos demais exemplos onde o sujeito da oração subordinada apareça representado fonologicamente por um pronome. No italiano, no entanto, a realização do pronome pessoal em terceira pessoa ocupando o lugar de sujeito parece menos fácil de ocorrer, o que não significa que não possa ocorrer a correferência entre o sujeito da oração principal e o pronome sujeito da oração subordinada, como mostram os exemplos dados por Rizzi. Assim, a interpretação da correferência em sentenças como (1)b, embora não seja a forma predominante no italiano, não parecem ser agramaticais.

(1)

b. Paolo_i ha detto che lui_{i/j} viaggerà.

Tal fato ainda será discutido nas considerações sobre a pesquisa, de forma a verificar se tal correferência é ou não possível para falantes do italiano como LM.

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa foi realizada por meio de questionário de múltipla escolha on-line, com o auxílio de programa específico do site Google Docs. Assim, nenhum dos sujeitos da pesquisa a respondeu na presença da pesquisadora. Um link para o questionário foi enviado para os grupos de falantes por meio de e-mail, para que assim os sujeitos fossem voluntários no preenchimento do formulário e pudessem respondê-lo de acordo com a sua disponibilidade, para que assim fosse diminuída a incidência de erro, considerando que

[...] a probabilidade de cometer deslizes [...] aumenta quando estamos cansados, nervosos, em situação de estresse ou incerteza, quando nossa atenção esta dividida, ou, ainda, quando estamos absortos em alguma atividade não linguística. Deve-se, portanto, esperar que alguém que tente se comunicar em uma língua estrangeira ou esteja sob tensão, na ou fora da sala de aula, seja especialmente passível de tais fracassos de desempenho. (CORDER ,1973 apud ROCHA, 2011)

O questionário era dividido em duas partes. A primeira procurava abordar fatores relevantes sobre os sujeitos, tais como nome, idade, língua materna, desde quando estudavam a língua italiana, se já haviam viajado para a Itália ou para algum país que falasse a língua italiana, quais línguas estrangeiras já haviam estudado, etc.. A segunda parte do questionário era composta por sentenças em língua italiana e por perguntas sobre a compreensão que os sujeitos possuíam das mesmas. Segundo as instruções, os sujeitos deveriam ler primeiramente as seguintes sentenças:

- Marco ha comprato un regalo a lui.
(Marcos comprou um presente para ele.)

Esta sentença procurava avaliar se existiam problemas de correferência dentro do domínio local para os sujeitos, ou a transferência dos parâmetros do PB, o qual, como visto no capítulo 2, aceita a correferência do pronome dentro do domínio sintático, desobedecendo assim à Condição B da BT (tal como mostra exemplo (10)a).

- Marco mi ha detto che lui partirà.
(Marcos me disse que ele viajará.)

A sentença acima (adaptada de MIOTO et al., 2004) buscava verificar se nela existe mesmo uma ambiguidade de referência e se tal ambiguidade ocorre para falantes do italiano como LM, ou apenas para falantes do italiano que possuem o PB como LM.

- Il barbiere ha fatto la barba a lui.
(O barbeiro fez a barba dele.)

A qual deveria servir para ver se os falantes de italiano que possuíam o PB com LM transferiam a característica do PB exposta por Grolla (2011), na qual a forma anafórica *ele mesmo* poderia ser livremente distribuída pelo pronome *ele*, o que decorreria de uma transferência dos parâmetros da LM para a língua italiana, visto que tal frase é estranha (embora não seja agramatical) para falantes do italiano como LM. Tal sentença também deveria servir como sentença distratora, com a finalidade de os sujeitos não perceberem o que estava sendo testado, para que assim dessem suas respostas de maneira não-direcionada.

- Marco è uscito dalla casa di lui alle 8.
(Marcos saiu da casa dele às 8.)

Procurando ainda verificar se os falantes do italiano que possuíam o PB como língua materna transferem os parâmetros do PB para a língua italiana, visto que na sentença acima, assim como na sentença abaixo, no PB existe a possibilidade da correferência do pronome *ele* dentro do domínio local, o que viola a condição B da BT.

- Marco ha venduto la macchina di lui.
(Marcos vendeu o carro dele.)

- Marco ha vestito lui.
(Marcos vestiu ele.)

A sentença acima é uma sentença distratora, cuja finalidade era não permitir que os sujeitos da pesquisa se dessem conta do que estava sendo analisado, para que assim

interpretassem as sentenças de forma natural. A partir de tais sentenças, os sujeitos deveriam responder a duas perguntas de múltipla escolha (sim/não) sobre cada frase, considerando que Paolo pudesse ser qualquer outra pessoa a que o pronome nela presente poderia referir-se. As perguntas feitas foram:

- a) Marco può avere comprato un regalo a Marco?
(Marcos pode ter comprado um presente para Marcos?)

- b) Marco può avere comprato un regalo a Paolo?
(Marcos pode ter comprado um presente para Paulo?)

- c) Marco può avere detto che Marco partirà?
(Marcos pode ter dito que Marcos viajará?)

- d) Marco può avere detto che Paolo partirà?
(Marcos pode ter dito que Paulo viajará?)

- e) Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere?
(O barbeiro pode ter feito a barba do barbeiro?)

- f) Il barbiere può avere fatto la barba al Paolo?
(O barbeiro pode ter feito a barba de Paulo?)

- g) Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle 8?
(Marcos pode ter saído da casa de Marcos às 8?)

- h) Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle 8?
(Marcos pode ter saído da casa de Paulo às 8?)

- i) Marco può avere venduto la macchina di Marco?
(Marcos pode ter vendido o carro de Marcos?)

- j) Marco può avere venduto la macchina di Paolo?

(Marcos pode ter vendido o carro de Paulo?)

k) Marco può avere vestito Marco?

(Marcos pode ter vestido Marcos?)

l) Marco può avere vestito Paolo?

(Marcos pode ter vestido Paulo?)

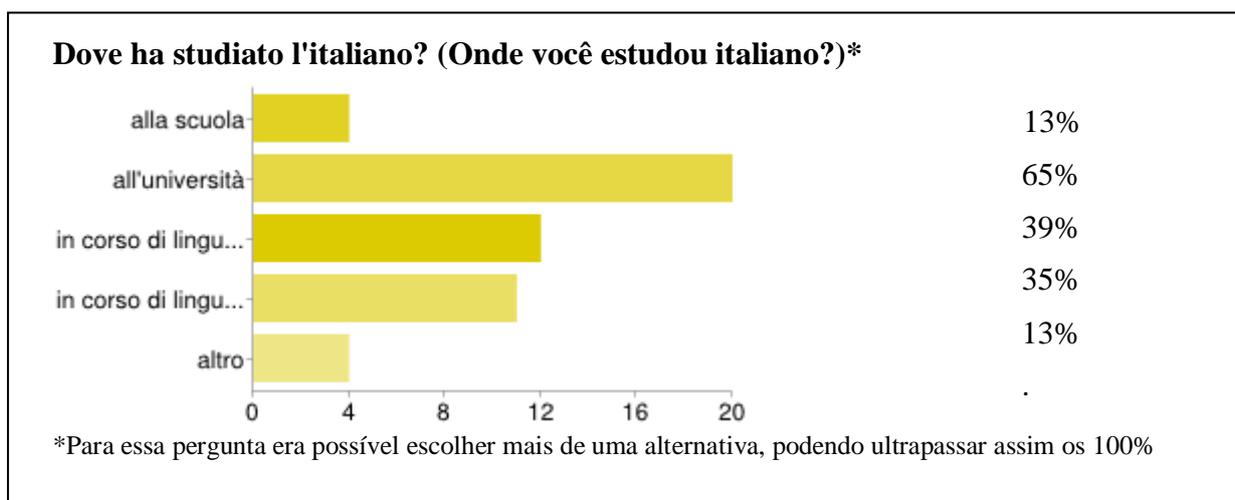
O questionário completo utilizado pode ser visto no anexo.

3.1 Os Sujeitos da Pesquisa

O questionário da pesquisa foi respondido por 32 pessoas. Os sujeitos dessa pesquisa são falantes da língua italiana, seja como LE (27) ou como LM (5), como é possível observar nas tabelas dos anexos.

A grande maioria dos que possuíam a língua italiana como LE a havia estudado ou a estudava no curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (20) e/ou em curso livre de língua na Itália (12) e/ou em curso livre no Brasil (11), como visto no gráfico abaixo:

Gráfico 1- Onde estudou italiano



Como visto no gráfico 1, a pesquisa foi respondida também por 6 falantes de italiano como LM e 2 falantes de italiano como LE, que possuíam outra língua que não o PB

como LM. O objetivo dessa diversidade foi verificar se os problemas de correferência eram próprios de todos os falantes da língua italiana ou ocorriam apenas com falantes que possuíam o PB como LM.

As idades dos sujeitos (gráfico 3) variaram entre 18 e mais de 50 anos, porém, a maior parte (14) situara-se na faixa entre 20-29 anos. Muitos dos sujeitos (15) estudavam a língua italiana há mais de 7 anos (como é possível observar no gráfico 4) e já haviam estudado italiano na Itália ou em algum país de língua italiana (21) (gráfico 5) e a metade deles (16) deles haviam morado na Itália ou em outro país de língua italiana, o que pode ser indício de que já deveriam possuir a gramática da língua bem fixada. Os dados completos podem ser vistos nas tabelas do anexo.

Gráfico2- Idades dos sujeitos da pesquisa

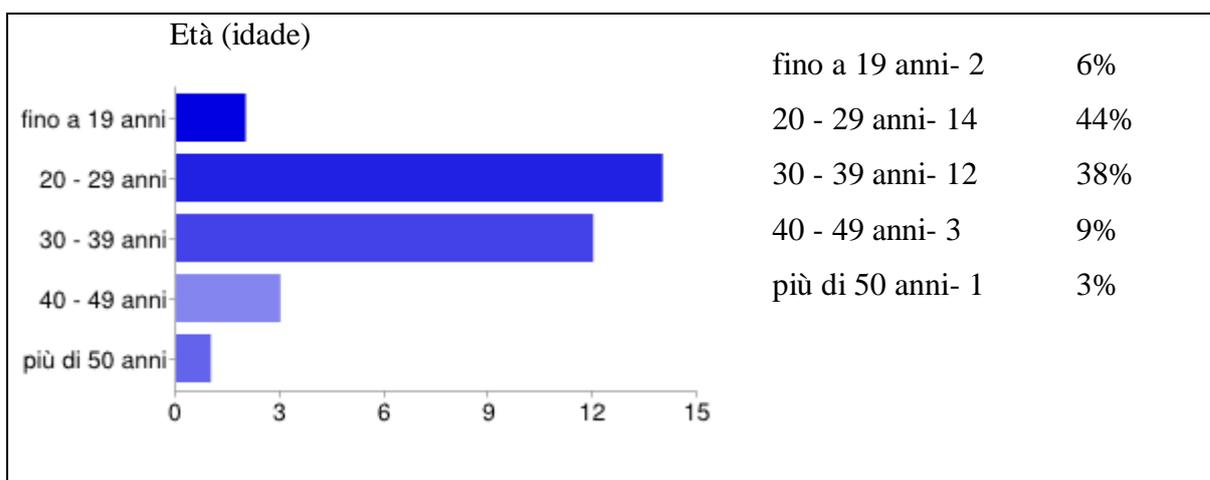


Gráfico3- Há quanto tempo estuda italiano

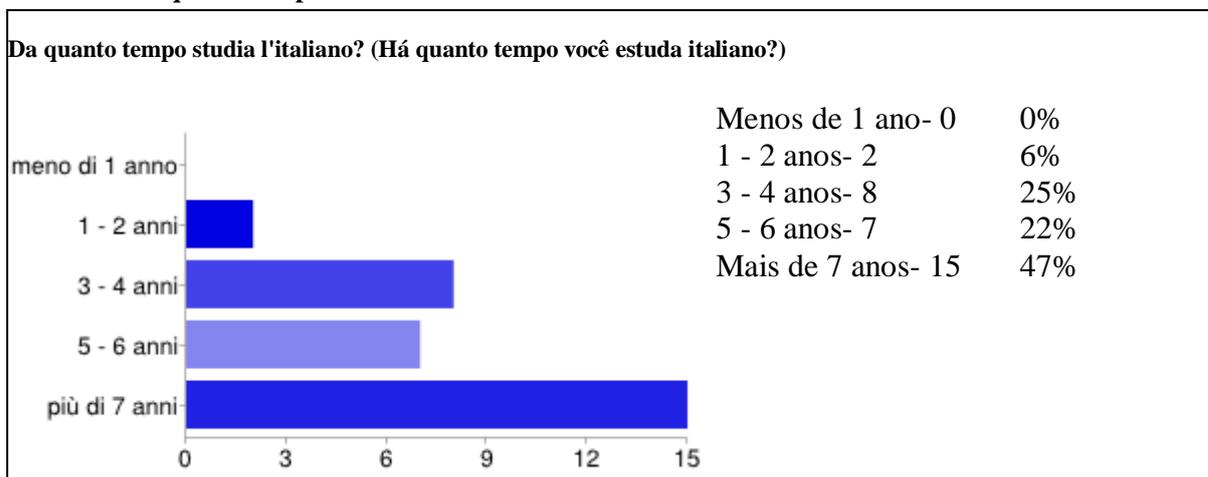
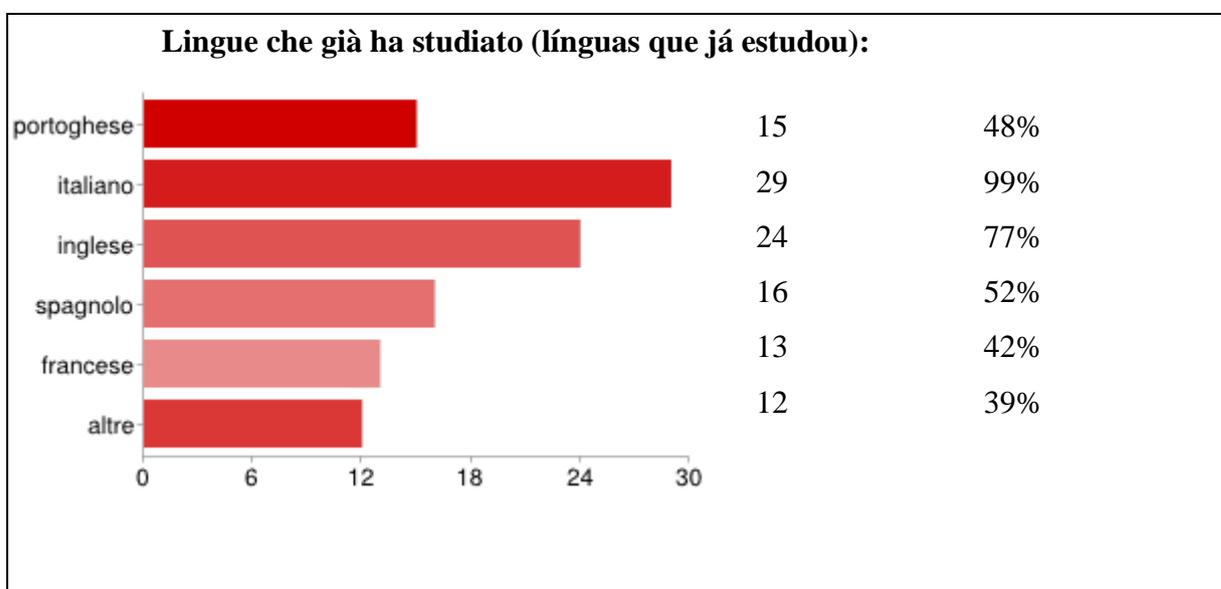


Gráfico4- Sujeitos que viajaram para a Itália ou para outro país de língua italiana



Todos os sujeitos desta pesquisa já haviam estudado outra LE além do italiano. A LE predominante foi o inglês (24), seguida pelo espanhol (17) e pelo francês (12). Neste quesito, os sujeitos poderiam escolher mais de uma alternativa, como mostra o gráfico 3.

Gráfico5- Línguas que já estudou



3.2 Apresentação dos Dados

Assim como foi sumariamente analisado pela pesquisadora, a frase “*Paolo ha detto che lui viaggerà*”, dada como exemplo da não possibilidade da correferência entre o

nome (Paolo) pronome *lui* por Miotto et al. (2004), parece ambígua. Porém, a frase em questão não se demonstrou assim apenas para os sujeitos que possuíam o PB como LM, visto que 4 dos 5 falantes de italiano como LM responderam positivamente à pergunta (c) (*Marco può avere detto che Marco partirà?*)¹³. Observando os gráficos, é possível perceber a ocorrência de tal ambiguidade, já que a maior parte dos sujeitos respondeu positivamente às duas perguntas referentes à sentença adaptada de Miotto et alii.

Gráfico 6- Marco ha detto che lui partirà

Marco può avere detto che Marco partirà?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	20	4	0	24
Não	4	1	3	8
Marco può avere detto che Paolo partirà?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	20	5	3	28
Não	4	0	0	4

Verificou-se, porém, que não existem problemas de referência para tais sujeitos quando o pronome encontra-se no mesmo domínio local, pois, como visto nos gráficos abaixo, não existe ambiguidade para os sujeitos. Percebeu-se, assim, que os falantes de italiano que possuíam o PB com LM não transferem a característica do PB exposta por Grolla (2011), na qual a forma anafórica *ele mesmo* poderia ser livremente distribuída pelo pronome “ele”. Sendo assim, não existiria, nesse caso, uma transferência dos parâmetros da LM para a língua italiana.

Gráfico 7- Il barbiere ha fatto la barba a lui.

Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	3	0	0	3
Não	21	5	3	29

¹³ Verificar tabela completa no anexo.

Il barbiere puó avere fatto la barba a Paolo?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	24	5	3	32
Não	0	0	0	0

Gráfico 8- Marco ha vestido lui.

Marco puó avere vestido Marco?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	3	0	0	3
Não	21	5	3	29
Marco puó avere vestido Paolo?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	23	5	3	31
Não	1	0	0	1

Gráfico 9- Marco ha venduto la macchina di lui.

Marco puó avere venduto la macchina di Marco?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	9	1	0	10
Não	15	4	3	22
Marco puó avere venduto la macchina di Paolo?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	22	5	2	29
Não	2	0	1	3

Gráfico 10- Marco è uscito da casa di lui alle 8.

Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle 8?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	9	0	1	10
Não	15	5	2	22
Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle 8?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	23	5	2	32
Não	1	0	1	2

Gráfico 11- Marco ha comprato un regalo a lui.

Marco può avere comprato un regalo a Marco?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	8	0	0	8
Não	14	5	3	24
Marco può avere comprato un regalo a Paolo?	Falantes de PB LM	Falantes de Italiano LM	Falantes de outras línguas	Total
Sim	24	5	3	34
Não	0	0	0	0

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Os dados obtidos na presente pesquisa corroboram para a hipótese de que a correferência em sentenças como (1)b é aceitável em língua italiana, uma vez que a maior parte dos sujeitos da presente pesquisa falantes de italiano com L1 aceitou a correferência entre o pronome do italiano *lui* e o sujeito da OP, interpretando a sentença “*Paolo ha detto che lui partirà*” como sendo ambígua (conforme mostram os gráficos 7 e 8). Assim, o fato de a correferência pronominal em tal sentença ser considerada ambígua por falantes de italiano como LE que possuem o PB como LM não pode ser considerado fruto de uma transferência paramétrica da língua materna para a língua alvo na ASL.

Porém, embora a maior parte dos sujeitos falantes de PB tenha interpretado que os pronomes fora do domínio local possuíam referência disjunta, pode-se observar (através gráficos 12 a 16) que, para quase a metade desses sujeitos (10 deles), em sentenças como “*Marco è uscito da casa di lui alle 8*” e “*Marco ha venduto la macchina di lui*” e 8 deles em “*Marco ha comprato un regalo a lui*”, a correferência entre o pronome *lui* e o sujeito da OP parece uma forma de interpretação.

Uma explicação para tal fato seria a queda do Princípio Evite Sujeito no PB, o que poderia causar confusão para os sujeitos falantes do italiano como LE que possuem o PB como LM. Outra explicação poderia estar no fato de o estado inicial na aquisição de L2 ser a GU acessável a partir dos parâmetros fixados da L1 e que os parâmetros diferentes da L1 e da L2 podem ser modificados pelo falante da L2, quando o mesmo adquire a competência da língua. No entanto, verificou-se que a proficiência maior ou menor não foi fator para que houvesse a interpretação de referência disjunta ou de correferência, uma vez que não foi verificado que o tempo de estudo ou haver ou não viajado para a Itália ou para algum país de língua italiana interferisse nas respostas¹⁴, sendo as mesmas distribuídas entre os sujeitos sem que houvesse alguma ligação com fatores que pudessem ocasionar mais ou menos conhecimento da gramática da LE. Desta forma, através dos dados aqui obtidos não foi possível definir se a interpretação de correferência/referência disjunta ocorre ou não por conta da transferência dos valores paramétricos da L1 para a L2 na ASL, visto que para mais da metade dos sujeitos aprendizes brasileiros de língua italiana pareceu não existirem problemas nas relações de referência pronominal no italiano.

¹⁴ Verificar dados completos da pesquisa nas tabelas constantes no anexo

Nas sentenças em que o uso de anáfora seria mais conveniente que o uso de pronomes, não houve problemas de correferência. Em “*Marco ha vestito lui*” e “*Il barbiere ha fatto la barba a lui*”, a interpretação de referência disjunta foi quase unânime, tendo apenas 3 dos sujeitos respondido que a correferência seria possível.

Assim, o terceiro questionamento que se fazia na introdução, se os “problemas de correferência podem ser considerados indícios do fato de os falantes de italiano com LE aplicarem os parâmetros de sua língua materna à língua italiana” acabou não sendo possível de verificar através da pesquisa, visto que sujeitos estudantes brasileiros de italiano não apresentaram problemas de correferência além dos que os falantes de italiano como LM também apresentaram. Porém, como foi mostrado, a fluência não interferiu nos dados relacionados à correferência, o que pode ser indício de que os problemas de correferência continuam ocorrendo após os estudantes possuírem fluência na língua estrangeira, talvez pelo fato de a aplicação do Princípio Evite Pronome ocorrer apenas quando se elabora sentenças e não quando se interpreta as mesmas.

Outro questionamento aqui presente era se problemas de correferência também ocorrem para falantes de italiano como LM, o que se comprovou, visto que as respostas foram semelhantes para os sujeitos falantes de italiano como LE que possuíam o PB como LM e para os falantes de italiano LM. Tal fato pode ser indício de que o italiano, assim como o PB, encontra-se em processo de mudança (embora lenta) quanto ao parâmetro pro-drop, pois se a correferência não fosse possível na sentença “*Paolo ha detto che lui partirà*”, os falantes não poderiam julgá-la ambígua. Para falantes do italiano como língua estrangeira que não possuíam o PB como LM, no entanto, não pareceu existir problema algum nas relações de dependência referencial pronominal, o que não corrobora para conclusão alguma, já que no questionário da pesquisa não foi perguntada qual era a LM desses sujeitos. Caso se soubesse que tais sujeitos possuísem línguas não pro-drop como LM, tal fato seria interessante de ser analisado. Porém, como tal dado não foi obtido, as respostas de tais sujeitos aqui só tiveram serventia na verificação da pesquisa quantitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Isabel Cristina. Aquisição de Segunda Língua de uma Perspectiva Lingüística A uma Perspectiva Social. In: SOLETRAS, Ano III, n.05 e 06. UERJ, São Gonçalo, 2003
- CALABRESE, A. (1986). Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In FUKUI, N., RAPOPORT, T. & SAGEY, E. (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics.B.*, 1986.
- CORDER, S.P *Introducing Applied Linguistics*. Penguin Books, 1973.
- CHOMSKY, Noam. *Reflection on Language*. London, Temple Smith, 1976.
- _____. *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht, 1981.
- _____. *Programa Minimalista*. Tradução, Apresentação e Notas à Tradução: Eduardo Paiva Raposo. Editorial Caminho, Lisboa, 1999.
- _____. *The Architecture of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CRISTÓVÃO, Sandra. *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2006.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do Princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1995.
- ELLIS, Rod. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford University Press, 1994. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=3KglibyrZ5sC&printsec=frontcover=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso: 20/11/2012.
- _____. *Second Language Acquisition*. Oxford University Press, 1997. Acessado em: http://books.google.com.br/books/about/Second_Language_Acquisition.html?id=Wwdb7POCG5AC&redir_esc=y. Acesso: 20/11/2012.
- EPSTEIN, S., FLYNN, S., & MARTOHARDJONO, G.. *Second language acquisition: Theoretical and experimental issues in contemporary research*. Brain and Behavioral Sciences, 1996.
- FARIA, I. H. et alii (Org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Caminho, Lisboa, 1996.

GREGG, K. R. The logical and developmental problems of second language acquisition. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T.K. (Eds.). *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996. p.49-81

GROLLA, Elaine. The Acquisition of Contrastive and Non-contrastive Anaphoric Forms in Brazilian Portuguese. In: *Selected Proceedings of the 4th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA 2010)*, ed. Mihaela Pirvulescu et al., 78-89. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011.

KATO, Mary. A Evolução da Noção de Parâmetros. In *Revista DELTA vol.18 no.2*, São Paulo, 2002.

KRASHEN, S. D. *Second language acquisition and second language learning*, Oxford, Pergamon, 1981.

_____. *Input Hypothesis: Issues and Implications*, London, Longman, 1985.

KRASHEN, S. & SCARCELLA, R. *On Routines and Patterns in Second Language Acquisition and Performance*. *Language Learning*. Oxford, Pergamon, 1978.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência Verbal*. São Paulo, Ática, 2003.

MENEZES, Vera Lúcia. *A complexidade da aquisição de segunda língua: revisando e conciliando teorias* (em processo de produção, 2008). Disponível em <http://www.veramenezes.com/aquisicao.htm>. Acesso: 03/12/2012.

_____. Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua In: CORTINA, A.; NASSER. S.M.G.C. *Sujeito e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MENUZZI, Sergio. *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, Leiden University, 1999.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MITCHELL, R.; Myles, F. *Second Language Learning Theories*. Arnold Publishers, London, 1998.

_____. *Second Language Learning Theories*. Arnold Publishers, London, 2004.

MONAWAR, Monica Stedile. O Programa Minimalista, PRO e Caso. In: *Letrônica v.4, n. 1*, 2011.

MÜLLER, Ana. Anáfora Pronominal. In: *Revista Letras, n.56*, p.259-258, Editora da UFPR, , Curitiba, 2001

RAPOSO, Eduardo. Apresentação. In: CHOMSKY, Noam. *Programa Minimalista*. Editorial Caminho, Lisboa, 1999.

RIZZI, Luigi. Interfaccia sintassi-semantica. Disponível em: http://docenti.lett.unisi.it/files/46/3/1/5/5._Interfaccia_sintassi_semantica.pdf. Acesso: 20/11/2012.

ROCHA, Priscila Nogueira da. *A realização do sujeito pronominal na fala dos estudantes de italiano língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado em Língua Italiana – curso de Pós-Graduação em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2008.

ROMANI, Patrizia. Dos tipos de construcciones con si en italiano. In: *Quaderns d'Italià 13ª edição*, Universidad Autónoma del Estado de México, 2008.

SCHACHTER, J. Testing a proposed universal. In GASS, S. & SCHACHTER, J. (Eds.). *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

SCHROEDER, D. N. Ensino de Italiano L2: a aquisição dos pronomes. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

SILVA, Carolina. Interpretação de clíticos e de pronomes fortes complemento na aquisição do português europeu. In: *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, 2011, pp. 534-548.

XAVIER, Gildete Rocha. O Sujeito Nulo na Aquisição de L2. In: SEMINÁRIO DO GEL, 56., 2008, *Programação...* São José do Rio Preto (SP): GEL, 2008. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5065-08>>. Acesso em: 20.11.2011.

_____. Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2). In: *Estudos da Língua(gem), Vol. 5, nº2*, 2007.

ANEXOS

Anexo 1- Questionário Informativo¹⁵

Pesquisa sobre a língua italiana

Débora Luciene Porto

* Required

Nome

Età *

- fino a 19 anni
- 20 - 29 anni
- 30 - 39 anni
- 40 - 49 anni
- più di 50 anni

Lingua Materna *

- portoghese
- italiano
- altra

Lingue che già ha studiato:

- portoghese
- italiano
- inglese
- spagnolo
- francese
- altre

Dove ha studiato l'italiano? *

¹⁵ Os questionários estão disponíveis em

<https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?formkey=dC1fUnZIS0M0akxGN1Q3eW5VRW9xdVE6MQ>

- alla scuola
- all'università
- in corso di lingua in Italia
- in corso di lingua in Brasile
- altro

Ha viaggiato in Italia oppure in altro paese che parla la lingua italiana? *

- sì
- no

Ha abitato in Italia oppure in altro paese che parla la lingua italiana? *

- sì
- no

Da quanto tempo studia l'italiano? *

- meno di 1 anno
- 1 - 2 anni
- 3 - 4 anni
- 5 - 6 anni
- più di 7 anni

Anexo 2- Questionário de Pesquisa¹⁶

1. Legga le frasi e risponda alle domande con sì/no (considerando che Paolo è qualcuno al quale/ a cui la frase della domanda puo riferirsi):

- Marco ha comprato un regalo a lui.

¹⁶ Os questionários estão disponíveis em <https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?formkey=dC1fUnZIS0M0akxGN1Q3eW5VRW9xdVE6MQ>

- Marco mi ha detto che lui partirà.
- Il barbiere ha fatto la barba a lui.
- Marco è uscito dalla casa di lui alle 8.
- Marco ha venduto la macchina di lui.
- Marco ha vestito lui.

a) Marco può avere comprato un regalo a Marco? *

- sì
- no

b) Marco può avere comprato un regalo a Paolo? *

- sì
- no

c) Marco può avere detto che Marco partirà? *

- sì
- no

d) Marco può avere detto che Paolo partirà? *

- sì
- no

e) Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere? *

- sì
- no

f) Il barbiere può avere fatto la barba al Paolo? *

- sì
- no

g) Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle 8? *

- sì
- no

h) Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle 8? *

- sì
 no

i) Marco può avere venduto la macchina di Marco? *

- sì
 no

j) Marco può avere venduto la macchina di Paolo? *

- sì
 no

k) Marco può avere vestito Marco? *

- sì
 no

l) Marco può avere vestito Paolo? *

- sì
 no

Anexo 3- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁷

Projeto de pesquisa: Relações de Dependência Referencial Pronominal no Italiano

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Débora Luciene Porto

1. Propósito do estudo: Verificar como funcionam as relações de referência pronominal no PB e no italiano.

¹⁷ Os questionários estão disponíveis em

<https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?formkey=dC1fUnZIS0M0akxGN1Q3eW5VRW9xdVE6MQ>

2. Riscos e desconfortos: nenhum.

3. Benefícios: Minha participação é voluntária e não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento da questão para o presente estudo.

4. Direitos do participante: Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo e tenho direito de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Para tanto, basta entrar em contato com o pesquisador responsável.

5. Compensação financeira: Não existirão despesas e/ou compensações financeiras relacionadas à minha participação no estudo.

6. Utilização dos dados obtidos: Estou ciente de que os dados obtidos com minha participação, na forma de questionários, serão utilizados para o trabalho de conclusão de curso da pesquisadora.

7. Confidencialidade: Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados no trabalho de conclusão de curso da pesquisadora, bem como em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, sem que minha identidade seja revelada.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e, voluntariamente, consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo feito. *

- Sim
 Não

Submit

Anexo 4- Dados obtidos através do questionário informativo (parte 1)

Nome:	Data:	Età:	Lingua Materna:	Lingue che già ha studiato:
1	4/12/2012	20-29	Portoghese	portoghese, italiano, spagnolo, altre
2	27/12/2012	20-29	Portoghese	portoghese, italiano, spagnolo
3	27/12/2012	30-39	Portoghese	italiano, inglese

4	27/12/2012	30-39	Portoghese	portoghese, italiano, spagnolo
5	27/12/2012	40-49	Portoghese	portoghese, italiano
6	27/12/2012	20-29	Portoghese	italiano, inglese, spagnolo
7	27/12/2012	20-29	Portoghese	portoghese, italiano, inglese, spagnolo, francese, altre
8	27/12/2012	30-39	Portoghese	italiano, inglese, spagnolo
9	27/12/2012	40-49	Italiano	italiano, inglese, altre
10	27/12/2012	20-29	Portoghese	portoghese, italiano, inglese, spagnolo
11	27/12/2012	30-39	Portoghese	portoghese, italiano, inglese, spagnolo, francese, altre
12	27/12/2012	30-39	Portoghese	portoghese, inglese, spagnolo, francese, altre
13	27/12/2012	30-39	Portoghese	italiano, inglese, francese
14	27/12/2012	20-29	Portoghese	italiano, inglese
15	27/12/2012	30-39	Portoghese	italiano, inglese, francese
16	27/12/2012	30-39	Portoghese	portoghese, italiano, inglese, francese
17	27/12/2012	20-29	Altra	italiano, inglese, altre
18	27/12/2012	30-39	Portoghese	italiano, inglese, spagnolo
19	27/12/2012	20-29	Italiano	portoghese, italiano, inglese, spagnolo, francese

20	27/12/2012	20-29	Italiano	italiano, inglese, francese, altre
21	27/12/2012	20-29	Portoghese	portoghese, italiano, inglese, spagnolo, altre
22	28/12/2012	20-29	Portoghese	italiano, altre
23	28/12/2012	30-39	Portoghese	italiano, inglese, francese
24	28/12/2012	Fino a 19 anni	Portoghese	portoghese, italiano, inglese, spagnolo
25	28/12/2012	20-29	Portoghese	italiano, inglese, francese
26	28/12/2012	Piudi 50 anni	Italiano	portoghese, italiano, spagnolo, francese
27	28/12/2012	40-49	Altra	italiano, spagnolo, francese, altre
28	28/12/2012	30-39	portoghese	portoghese, italiano, inglese, spagnolo
29	29/12/2012	Fino a 19 anni	portoghese	portoghese, italiano, inglese
30	29/12/2012	20-29	portoghese	italiano, inglese, altre
31	29/12/2012	30/39	Italiano	portoghese, inglese, spagnolo
32	29/12/2012	30-39	Altra	italiano, inglese, francese, altre

Anexo 5- Dados obtidos através do questionário informativo (parte 2)

Nome	Dove ha studiatol'italiano?	Ha viaggiato in Italia oppure in altro paese che parla la lingua italiana?	Ha abitato in Italia oppure in altro paese che parla la lingua italiana?	Da quanto tempo studia l'italiano?
------	-----------------------------	--	--	------------------------------------

1	all'università, in un corso di lingua in Brasile	no	no	5 - 6 anni
2	in corso di lingua in Brasile	no	no	3 - 4 anni
3	all'università	sì	sì	3 - 4 anni
4	in corso di lingua in Brasile	sì	sì	Più di 7 anni
5	in corso di lingua in Italia	sì	sì	5 - 6 anni
6	all'università, in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	sì	sì	5 - 6 anni
7	all'università	sì	sì	Più di 7 anni
8	all'università, in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	sì	no	Più di 7 anni
9	Alla scuola, all'università, altro	sì	sì	Più di 7 anni
10	all'università	no	no	3 - 4 anni
11	all'università, in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	sì	no	Più di 7 anni
12	all'università	sì	no	Più di 7 anni
13	all'università, in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	sì	no	5 - 6 anni
14	all'università	no	no	3 - 4 anni
15	all'università, in corso di lingua in Italia	sì	no	Più di 7 anni
16	all'università, in corso di lingua in Italia	sì	sì	3 - 4 anni

17	in corso di lingua in Italia	sì	sì	3 - 4 anni
18	in corso di lingua in Brasile	sì	sì	Più di 7 anni
19	Altro	sì	sì	Più di 7 anni
20	allascuola	sì	sì	Più di 7 anni
21	in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	sì	no	3 - 4 anni
22	all'università	no	no	3 - 4 anni
23	all'università, in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	sì	no	Più di 7 anni
24	all'università	no	no	1 - 2 anni
25	all'università, in corso di lingua in Italia	sì	sì	5 - 6 anni
26	Alla scuola, all'università	sì	sì	Più di 7 anni
27	Altro	No	no	Più di 7 anni
28	all'università, in corso di lingua in Brasile	no	no	3 - 4 anni
29	in corso di lingua in Italia, in corso di lingua in Brasile	no	no	5 - 6 anni
30	all'università	no	no	1 - 2 anni
31	Alla scuola, altro	sì	sì	Più di 7 anni
32	Altro	sì	sì	Più di 7 anni

Anexo 6- Dados obtidos através do questionário de pesquisa: Falantes de PB como LM (parte 1)

	1	2	3	4	5	6	7	8	10	11	12	13
Marco può avere comprato un regalo a Marco?	no	No	no	sì	sì	no						
Marco può avere comprato un regalo a Paolo?	sì	Si	Si									
Marco può avere detto che Marco partirà?	sì	no	sì	sì	Si	sì						
Marco può avere detto che Paolo partirà?	sì	no	no	no	sì	sì	sì	sì	sì	sì	Si	sì
Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere?	no											
Il barbiere può avere fatto la barba al Paolo?	sì											
Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle8?	no	sì	no	sì	sì	no	no	no	sì	no	sì	no
Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle8?	no	sì										
Marco può avere venduto la macchina di Marco?	sì	sì	no	sì	no	no	no	no	sì	no	sì	no
Marco può avere venduto la macchina di Paolo?	sì											
Marco può avere vestito Marco?	no											
Marco può avere vestito Paolo?	sì											

Anexo 7- Dados obtidos através do questionário de pesquisa:: Falantes de PB como LM (parte 2)

	14	15	16	18	21	22	23	24	25	28	29	30
Marco può avere comprato un regalo a Marco?	no	no	sì	sì	no	sì	no	no	<u>no</u>	sì	sì	sì
Marco può avere comprato un regalo a Paolo?	sì	Si	sì	sì	sì							
Marco può avere detto che Marco partirà?	sì	no	sì	sì	no	sì	sì	sì	no	sì	sì	sì
Marco può avere detto che Paolo partirà?	sì	sì	sì	sì	sì	sì	no	sì	sì	sì	sì	sì
Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere?	no	no	sì	sì	no	no	no	no	no	sì	no	no
Il barbiere può avere fatto la barba al Paolo?	sì	sì	sì	sì								
Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle8?	no	no	sì	sì	no	no	no	no	no	sì	sì	no
Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle8?	sì	Si	sì	sì	no							
Marco può avere venduto la macchina di Marco?	no	no	sì	sì	no	no	no	no	no	sì	sì	no
Marco può avere venduto la macchina di Paolo?	sì	sì	sì	sì	sì	sì	no	no	sì	sì	sì	sì
Marco può avere vestito Marco?	no	no	no	sì	no	no	no	no	no	sì	sì	no
Marco può avere vestito Paolo?	sì	sì	no	sì								

Anexo 8- Dados obtidos através do questionário de pesquisa:: Falantes de italiano como LM

	9	19	20	26	31
Marco può avere comprato un regalo a Marco?	no	no	no	no	no
Marco può avere comprato un regalo a Paolo?	sì	sì	sì	sì	sì
Marco può avere detto che Marco partirà?	no	sì	sì	sì	sì
Marco può avere detto che Paolo partirà?	sì	sì	sì	sì	sì
Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere?	no	no	no	no	no
Il barbiere può avere fatto la barba al Paolo?	sì	sì	sì	sì	sì
Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle8?	No	no	no	no	no
Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle8?	sì	sì	sì	sì	sì
Marco può avere venduto la macchina di Marco?	no	no	sì	no	no
Marco può avere venduto la macchina di Paolo?	sì	sì	sì	sì	sì
Marco può avere vestito Marco?	no	no	no	no	no
Marco può avere vestito Paolo?	Si	sì	sì	sì	sì

Anexo 9- Dados obtidos através do questionário de pesquisa:: Falantes de outra língua (que não o PB e o Italiano) como LM

	17	27	32
Marco può avere comprato un regalo a Marco?	sì	no	no
Marco può avere comprato un regalo a Paolo?	sì	sì	sì
Marco può avere detto che Marco partirà?	no	no	no
Marco può avere detto che Paolo partirà?	sì	sì	sì
Il barbiere può avere fatto la barba al barbiere?	no	no	no
Il barbiere può avere fatto la barba al Paolo?	sì	sì	sì
Marco può essere uscito dalla casa di Marco alle8?	sì	no	no
Marco può essere uscito dalla casa di Paolo alle8?	no	sì	sì
Marco può avere venduto la macchina di Marco?	no	no	no
Marco può avere venduto la macchina di Paolo?	no	sì	sì
Marco può avere vestito Marco?	no	no	no
Marco può avere vestito Paolo?	sì	sì	sì